

REFLEXÕES SOBRE FENOMENOLOGIA E EDUCAÇÃO

REFLECTIONS ON PHENOMENOLOGY AND EDUCATION

Cristian Andrey Pinto Lima
(Universidade Estadual de Goiás; Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior)

Claúdio Pires Viana
(Universidade Estadual de Goiás; Secretaria Municipal de Educação de Goiânia)

Resumo: O artigo propõe um estudo teórico sobre as contribuições da Fenomenologia para a educação, destacando a ideia de intencionalidade da consciência, um conceito fundamental na fenomenologia de Edmund Husserl [1859-1938]. Essa abordagem supera qualquer dualidade que possa ser imposta à relação entre a consciência e o mundo, entendendo homem e mundo como dimensões inseparáveis, mutuamente constituintes. A pesquisa visa investigar o sentido da fenomenologia como método de pesquisa em educação, utilizando a perspectiva husserliana para reconhecer a educação como um fenômeno intrinsecamente humano, um movimento constante de formação e constituição do ser na interação entre consciência e mundo. Ao adotar o método fenomenológico na pesquisa em educação, destaca-se a importância de seguir um projeto de pesquisa que reconheça a relevância do estudo, mantendo rigor nos aspectos teóricos, descritivos, analíticos e interpretativos. Conclui-se que as pesquisas que exploram elementos relacionados ao educador por meio desse método devem incorporar a redução eidética (*epoché*) e a hermenêutica para assegurar uma abordagem verdadeiramente fenomenológica.

Palavras-chave: Fenomenologia. Intencionalidade da consciência. Educação. Atitude fenomenológica.

Abstract: The article proposes a theoretical study on the contributions of Phenomenology to education, highlighting the idea of intentionality of consciousness, a fundamental concept in the phenomenology of Edmund Husserl [1859-1938]. This approach overcomes any duality that may be imposed on the relationship between consciousness and the world, understanding man and world as inseparable, mutually constituting dimensions. The research aims to investigate the meaning of phenomenology as a research method in education, using the Husserlian perspective to recognize education as an intrinsically human phenomenon, a constant movement of formation and constitution of the being in the interaction between consciousness and the world. When adopting the phenomenological method in research in education, the importance of following a research project that recognizes the relevance of the study is highlighted, maintaining rigor in the theoretical, descriptive, analytical and interpretative aspects. It is concluded that research that explores elements related to the educator through this method must incorporate eidetic reduction (*epoché*) and hermeneutics to ensure a truly phenomenological approach.

Keywords: Phenomenology. Intentionality of consciousness. Education. Phenomenological attitude.

Introdução

De acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 558) “o tempo não é uma linha, mas uma rede de intencionalidades”. A reflexão de Merleau-Ponty (1999), soma-se a de Maria Aparecida Viggiani Bicudo (1993) e nos provoca a compreender que a condução de qualquer pesquisa demanda do pesquisador a incorporação de características

fundamentais, tais como cuidado, rigor e sistematicidade. Contudo, a compreensão dessas características é própria à modalidade de investigação. Em outras palavras, essas características variam de acordo com a abordagem de observação adotada pelo pesquisador. A atividade de pesquisa representa uma busca contínua por compreensão e resolução de questões na vida cotidiana. Nesse sentido, este texto visa refletir sobre a viabilidade da Fenomenologia, na ótica de Edmund Husserl, como método de pesquisa em educação.

Edmund Husserl [1859–1938] foi o pioneiro da Fenomenologia como método de investigação filosófica. De acordo com Adão José Peixoto (2003a, p. 5) “para Husserl, não há consciência separada do mundo. Toda consciência é consciência de alguma coisa, é ‘intencionalidade’; logo não há separação entre sujeito e objeto, entre o homem e o mundo”. Dessa relação, que é indissociável entre o homem e o mundo, temos desenvolvido nossa essência. Nas palavras do próprio Husserl,

A intencionalidade é aquilo que caracteriza a *consciência* no sentido forte, e que justifica ao mesmo tempo designar todo o fluxo de vivido como fluxo de consciência e como unidade de uma *única* consciência. [...] Por intencionalidade entendíamos aquela propriedade dos vividos de “ser consciência *de* algo” (Husserl, 2006, p. 190).

Ainda sobre a ideia de intencionalidade da consciência, o filósofo francês Jean-Paul Sartre [1905-1980], ao se fundamentar em Husserl para desenvolver a sua ontologia fenomenológica em sua obra intitulada *O ser e o nada*, afirma que

Toda consciência, mostrou Husserl, é consciência de alguma coisa. Significa que não há consciência que seja posição de um objeto transcendente, ou, se preferirmos, que a consciência não tem “conteúdo”. [...] Uma mesa não está na consciência, nem mesmo a título de representação. Uma mesa está no espaço, junto à janela, etc. [...] O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo (Sartre, 1997, p.22).

Sendo a intencionalidade da consciência o tema fundante da Fenomenologia, essa corrente estabeleceu os conceitos e métodos fundamentais amplamente adotados por filósofos dessa tradição, com o objetivo de apreender o fenômeno, ou seja, compreender como ocorre a presença e o surgimento das coisas à consciência, estabelecendo uma unidade sintética entre a consciência e o mundo objetivo. Conforme Joel Martins (2006,

p. 18), assume-se que “como um método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar”. Assim, faz-se necessário, inicialmente, esclarecer o significado do fenômeno nesse contexto de pesquisa.

Na percepção de Ângela Ales Bello (2006, p. 17) “fenômeno significa aquilo que se mostra” assim a fenomenologia pode ser compreendida como uma “reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra” (id. p. 18). E o que se mostra, mostra-se a um sujeito. Ou, conforme expresso por Husserl (2006, p. 21) “quando percebemos um objeto, ele sempre nos é dado segundo um certo modo de doação ou fenômeno. Podemos variar nossas perspectivas sobre esse objeto, mas ele sempre nos será dado segundo um ou outro modo de doação”. Partindo desse pressuposto, concordamos que o fenômeno que o pesquisador fenomenólogo se propõe a compreender é esse modo de doação. Sua busca concentra-se no sentido do que se apresenta a ele, na tentativa de compreender o objeto de pesquisa.

Vale ressaltar, nesse aspecto, que ao recorrermos ao pensamento de Husserl, seguramente podemos afirmar que sua intenção era compreender como o mundo e seus elementos se manifestam à consciência. Ele buscava abordar a aparição no sentido de alcançar a essência do fenômeno (o que o objeto é em si mesmo), ou seja, “ir ao encontro das coisas em si mesmas” (Husserl, 2008, p. 17). Em vista disso, dado que a obra e o pensamento filosófico de Husserl são herméticos, exigindo significativo esforço intelectual do pesquisador, põe-se em questão conceitos fundamentais dessa perspectiva para auxiliar os pesquisadores em seu desenvolvimento como método de investigação na pesquisa educacional.

Desenvolvimento

Com base nos argumentos de Maria Aparecida Viggiani Bicudo e Rosa Monteiro Paulo (2011), a origem da palavra Fenomenologia¹ revela que ela é formada pela junção de “fenômeno” e “logos”.

¹ Em Abagnano (2007, p. 438) encontramos que a “*Phenomenology*, significa antes de mais nada um conceito de método. Ela não caracteriza a consistência de fato do objeto da indagação filosófica, mas seu como. Esse termo expressa um lema que poderia ser assim formulado: às coisas mesmas”. Segundo Peixoto (2003b), o termo “fenomenologia” foi empregado por vários pensadores antes de Husserl. Johann Heinrich Lambert foi o primeiro a utilizá-lo em 1764, na obra “*Novo órganon*”, onde a fenomenologia é apresentada como uma teoria da ilusão, um estudo das fontes do erro. Em 1770, Kant faz referência ao termo em uma carta a Lambert, chamando-a de “*phaenomenologia generalis*”, uma disciplina propedêutica que antecede a metafísica. Em 1772, novamente utiliza o termo em uma carta a Marcus Herz, ao apresentar o plano de sua obra, que seria publicada em 1781 com o título “*Crítica da razão pura*”. A popularização do

Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e logos diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação e, em consequência, de retenção em produtos culturais postos à disposição no mundo-vida (Bicudo; Paulo, 2011, p. 29-30).

Nesse entendimento, é possível afirmar, portanto, que a Fenomenologia pode ser compreendida como a maneira pela qual aquele que percebe o mundo interpreta o que é observado, dando sentido ao objeto que se lhe manifesta à consciência. No contexto da pesquisa, a Fenomenologia sugere uma abordagem metodológica, uma forma de proceder, uma abertura para conhecer o objeto de investigação.

A Fenomenologia, enquanto método de pesquisa, surge no campo da Ciência no início do século XX, tendo sido criada por Husserl a partir de uma oposição radical ao empirismo, filosofia que fundamentava o método de investigação nas Ciências da época, inclusive as Humanas, sendo a base do método científico da Ciência Moderna. O termo empirismo² tem sua origem no grego *empeiria*, que significa experiência sensorial. Dessa forma, o empirista utiliza o sentido da visão para investigar o objeto, considerando-o separado, com atributos próprios.

No empirismo põem-se em questão a origem da síntese psicologista em que aquilo que é experimentado se mescla com o conjunto de dados sensoriais, formando-se de maneira contínua por meio de associações na vida subjetiva. Cada particularidade do objeto experimentado é então interpretada como uma síntese de diversos momentos de experiência, como afirma Cláudio Pires Viana (2019). Para abordar essa questão, os empiristas recorrem à ideia de associação como uma solução possível. Na contramão desse pensamento, Viana (2019) mostra que essa abordagem é criticada pela admissão do automatismo da consciência, em que o objeto é moldado pela experiência subjetiva, tornando-se uma síntese real de dados que o constituem. O autor acrescenta que esse

termo no meio filosófico ocorreu com a obra “Fenomenologia do espírito” (1807) de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Nessa obra, Hegel concebe a fenomenologia como a ciência que estuda as vicissitudes do espírito, seu movimento e o caminho percorrido ao longo da história.

² Em Abagnano (2007, p. 326) encontramos que o empirismo foi uma “corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade, considerando-se a palavra experiência” no significado. Em geral, essa corrente caracteriza-se pelo seguinte: I - negação do caráter absoluto da verdade ou, ao menos, da verdade acessível ao homem; II reconhecimento de que toda verdade pode e deve ser posta à prova, logo eventualmente modificada, corrigida ou abandonada. Portanto, o empirismo não se opõe à razão ou não a nega, a não ser quando a razão pretende estabelecer verdades necessárias, que valham em absoluto, de tal forma que seria inútil ou contraditório submetê-las a controle”.

enfoque representa uma visão naturalista da consciência, amplamente aceita pela psicologia, resultando na naturalização da consciência e na subjetivação da natureza, reduzindo o mundo real a leis de estados de consciência, associação automática de ideias e hábitos psicológicos derivados da experiência sensorial.

Husserl, após participar das aulas de filosofia ministradas Franz Brentano³, se insurge contra essa visão de ciência posta pelo psicologismo empirista, no propósito de sistematizar de maneira rigorosa a própria filosofia que, no seu entendimento, passava por um grande momento de crise, como bem expressa essa passagem de suas *Meditações cartesianas*:

A filosofia ocidental encontra-se, desde meados do século passado, num visível estado de decadência em relação às épocas precedentes. Por toda a parte, desapareceu a unidade: tanto na determinação do objetivo quanto na colocação dos problemas e no método. No início da era moderna a fé religiosa transformou-se cada vez mais em convenção externa, uma fé nova captou e pôs em destaque a humanidade intelectual: a fé em uma filosofia e em uma ciência autônomas. A partir de então, toda a cultura humana devia ser guiada e esclarecida por visões científicas e por esse mesmo caminho reformada e transformada em uma cultura nova e autônoma (Husserl, 2001, p. 22).

Contra o reducionismo epistemológico do psicologismo e do empirismo, que impunha uma cisão entre o sujeito e o objeto, uma vez que concebia a consciência como depositária de conteúdos objetivos, Husserl procurou sistematizar uma nova relação entre o homem e o mundo, a consciência e o objeto, por meio de um percurso fundado na retomada da dimensão humana, reconhecendo nesta a essência mesma do mundo da vida. Dessa forma, endereçou duras críticas às ciências humanas fundamentadas no psicologismo empirista, por considerá-las equivocadas na ideia de assumir o mesmo método das ciências da natureza, que se preocupavam em demasia com a exatidão, mas não com o rigor⁴. Para Husserl, diferentemente do que defendiam os empiristas, não há

³ Franz Brentano [1838-1917] foi um teólogo católico e filósofo. Segundo Viana (2019, p. 81) “Profundo conhecedor do pensamento de Aristóteles e da filosofia escolástica, Brentano desenvolve a noção de intencionalidade relacionando-a aos atos psicológicos. Para o filósofo, que se tornara uma referência para Husserl, [...] o conceito de intencionalidade deve partir da distinção radical entre “fenômeno físico” e “fenômeno psíquico” o que, segundo o próprio Husserl, “abriu caminho para o desenvolvimento da fenomenologia”.

⁴ Se opondo a todas concepções científicas do empirismo, do naturalismo e do psicologismo, Husserl defende a filosofia como a ciência que deve preocupar-se com o rigor e não com a exatidão, pois esta última é própria das ciências positivistas que, por meio de seus métodos, concebem a realidade como fato passível de análise, medida e aferição. O rigor, por sua vez, é característica própria das ciências eidéticas, pois lidam com os atos da consciência, cujos atributos são especificamente inexatos.

conteúdos na consciência, pois não se trata de um recipiente no qual são depositadas as coisas objetivas e transcendentais. Com bem nos explica Sartre,

O objeto da consciência, qualquer que seja está fora da consciência: é transcendente. Essa distinção, à qual Husserl retorna sem se cansar, tem por fim combater os erros de um certo imanentismo que pretende constituir o mundo com *conteúdos* de consciência. O psicologismo, partindo da fórmula ambígua “o mundo é nossa representação”, faz com que se desvaneça a árvore em uma miríade de sensações, de impressões coloridas, tácteis, térmicas, etc., que são dos subjetivos e é ela própria um fenômeno subjetivo. Ao contrário, Husserl começa por colocar a árvore *fora de nós* (Sartre, 1987, p. 99).

Husserl vislumbrava a filosofia como um campo fecundo de estudos voltados à compreensão das coisas do humano, em contraposição ao empirismo e ao cientificismo psicologista das ciências humanas que, à época, estavam totalmente submetidas aos mesmos métodos das ciências da natureza. Defendia, portanto, a ideia de que filosofia devia se constituir em uma ciência rigorosa, com uma fundamentação que lhe desse, de maneira plena, um *status* de saber, “(...) nos permitindo vagar ao acaso no sentido de conceber a ideia de uma ciência fenomenológica que deve transformar-se numa filosofia” (Husserl, 2001, p. 46).

Em contraste ao pensamento empirista, Bicudo (2012) afirma que a Fenomenologia considera o fenômeno percebido pelo sujeito, de maneira que

Não há uma separação entre o percebido e a percepção de quem percebe, uma vez que é exigida uma correlação de sintonia, entendida como doação, no sentido de exposição, entre ambos. Nesta perspectiva não se assume uma definição prévia do que será observado na percepção, mas fica-se atento ao que se mostra (Bicudo, 2012, p.17).

Desde sua gênese, a Fenomenologia se apresenta como uma alternativa para investigar a plenitude do ser humano, uma vez que os métodos existentes, fundamentados nas ciências exatas, não eram capazes de abranger a totalidade do homem.

Descobre-se a infinitude, primeiro em forma de idealização da grandeza, da massa, dos números, das figuras, das retas, dos polos, das superfícies, etc. A natureza, o espaço, o tempo tornam-se idealmente prolongáveis e idealmente divisíveis ao infinito. Da agrimensura nasce a geometria, da arte dos números a aritmética, da mecânica cotidiana a mecânica matemática, etc. Agora a natureza e o mundo intuitivos se transformaram, sem que isso se faça uma hipótese explícita, num mundo matemático, o mundo das ciências matemáticas da natureza. Assim, pode afirmar-se, de maneira geral: é um absurdo considerar a

natureza do mundo circundante por si só alheio ao espírito e então querer fundamentar, em consequência, a ciência do espírito sobre a ciência da natureza e fazê-la, assim, pretensamente exata” (Husserl, 1996, p. 78).

Vale dizer, nesse aspecto, que Husserl descreve o método fenomenológico de pesquisa nas Ciências Humanas como aquele que se volta para as coisas em si, no sentido de que todo o processo de produção de conhecimento deveria ser fundamentado nas percepções primárias ou no significado original derivado da experiência vivida. Existe uma atenção especial husserliana à essência das coisas em si. Em suma, “é este cuidado que motiva a redução, garantia contra a inserção dos preconceitos e a expansão das alienações na descrição reflexiva” do apreendido, do vivido que “é anterior a qualquer racionalização, a qualquer tematização, para, em seguida, poder reconstruir a sua significação” (Lyotard, 1999, p. 55).

A percepção segundo a fenomenologia

não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, e é no mundo que ele se conhece (Merleau-Ponty, 2006, p. 6).

Isso implica que o significado do mundo e de tudo o que o compõe é uma atribuição do sujeito que vive, que experiencia com todos os sentidos e que vivencia sua história enquanto interage com outros sujeitos. Retornar às coisas em si significa voltar à experiência, à realidade e ao vivido, àquilo que é característico do humano. Nesse contexto, a Fenomenologia se revela fecunda para pesquisa na área da educação, pois reconhece o ser humano ontologicamente em sua subjetividade.

Os estudos de Bicudo (1999, p. 14) afirmam que “[...] a fenomenologia se instaura como uma filosofia da consciência, no sentido de ser um pensar radical a esse respeito [...]”, a consciência é entendida como um todo absoluto, independente e que não existe fora de si mesma. Ela é caracterizada pelo movimento, pela intencionalidade, estabelecendo uma distinção fundamental entre a atitude natural e a atitude fenomenológica.

A respeito da atitude natural, João Paisana (1997, p. 44-45) escreve:

[...] O mundo natural não surge apenas como acompanhando a totalidade das minhas vivências que a ele se referem, mas eu próprio, enquanto dotado de um corpo e como realidade psicofísica, faço igualmente parte do mundo natural espaço-temporalmente determinado. As minhas vivências, na medida em que se efetuam no ‘interior’ de uma realidade psicológica, fazem igualmente parte dos acontecimentos mundanos e da própria natureza. ‘Encontro permanentemente, como algo que me faz frente, a realidade espaço-temporal, à qual eu próprio pertenço, como todos os outros homens que nela encontro e de igual modo com ela relacionados’. Devido a uma relação com o mundo a própria consciência é por ele condicionada.

Para Husserl a orientação ou atitude natural é essa percepção imediata do mundo. É o mundo das ciências da natureza, exatas, mas também do senso comum, tido como um fato que pode ser amplamente tematizado, analisado, esmiuçado pelo saber da ciência, que nos é dado e aceito.

Na orientação natural efetuamos pura e simplesmente todos os atos por meio dos quais o mundo está para nós aí. Vivemos ingenuamente na percepção e na experiência, nesses atos em que nos aparecem unidades de coisas, e não apenas aparecem, mas são dadas com o caráter do “disponível”, do “efetivo” (Husserl, 2006, p. 117).

A transição da atitude natural para a atitude fenomenológica, acontece com o despertar da reflexão sobre a relação entre conhecimento e objeto. O afastamento da atitude natural é referido como atitude fenomenológica, redução fenomenológica ou *epoché*⁵, e ocorre por meio de uma reflexão rigorosa e metódica. Paisana (1997) ressalta, que para Husserl, a *epoché* revela à consciência sua própria precedência sobre toda a realidade como necessidade, devido à estrutura vivencial específica da consciência.

[...] Se efetuo a *Epoché* então desconecto todas as ciências referentes a este mundo natural. Não faço absolutamente nenhum uso das suas proposições válidas. Nem de uma única das proposições que lhe pertençam, por muito evidentes que sejam, me apropriado, nenhuma aceito, nenhuma me serve de fundamentação. A consciência fenomenológica reduzida deverá ser o autêntico ponto de partida, condição de possibilidade de todo o conhecimento em geral. A consciência, assim ‘desmundaneizada’ pela redução, será então

⁵ De acordo com Abagnano (2007, p. 339), a *Epoché* é a “suspensão do juízo, que caracteriza a atitude dos cééticos antigos, particularmente de Pirro; consiste em não aceitar nem refutar, em não afirmar nem negar. [...] Na filosofia contemporânea, com Husserl e a filosofia fenomenológica em geral, a *Epoché* tem finalidade diferente: a *contemplação desinteressada*, ou seja, uma atitude desvinculada de qualquer interesse natural ou psicológico na existência das coisas do mundo ou do próprio mundo na sua totalidade. A *Epoché* fenomenológica distingue nitidamente a filosofia de todas as outras ciências que estão interessadas na existência do mundo e dos objetos nele compreendidos; por isso, faz do filosofar uma atitude puramente *contemplativa*, à qual pode revelar-se, em sua genuinidade, a própria essência das coisas”.

consciência transcendental. Por isso a redução fenomenológica se poderá chamar igualmente redução transcendental (Paisana, 1997, p. 51).

Tal reflexão nos leva a pensar que na atitude natural, a coisa é considerada como existindo por si só, sendo tida como natural e *a priori*⁶. Já na atitude fenomenológica, a coisa é intuída, percebida, existindo apenas em relação à consciência, que se volta para ela, ou seja, volta-se à coisa mesma. Como consequência, na atitude natural, a verdade está vinculada à conformidade com proposições e pressupostos, enquanto na atitude fenomenológica, a verdade é esclarecedora e interpretativa do fenômeno que se manifesta ao pesquisador que o percebe.

Partindo desses pressupostos, a Fenomenologia de Husserl defende que o mundo natural, tido como fato, seja temporariamente suspenso, para que a filosofia possa alcançar o mundo como *eídos*⁷, na sua essência. Isso significa que há um mundo cuja tarefa da consciência é encontrá-lo no que há de essencial, sendo o método fenomenológico a via possível de apreensão dessas essências. Esse encontro com a essência mesma do mundo se faz a partir do eu puro, da consciência e das vivências que a ela são dadas na atitude natural.

Eu – eu, o homem efetivo – sou um objeto real como outros no mundo natural. Efetuo *cogitationes*, “atos de consciência “ no sentido mais amplo e mais restrito, e tais atos, enquanto pertencentes a este sujeito humano são eventos da mesma efetividade natural. E o mesmo vale para todos os demais vividos, conforme fluxo variável dos quais os atos específicos do eu se iluminam de modo bem próprio, transmudam-se uns aos outros, vinculam-se em sínteses, modificam-se incessantemente. Num *sentido ainda mais amplo* (e sem dúvida menos apropriado), a expressão *consciência abrange todos os vividos* (Husserl, 2006, p. 83-84).

Nesse sentido, a consciência é caracterizada como intencionalidade, e a intuição é descrita como a visão intelectual do objeto de conhecimento. Dessa forma, o resultado de uma investigação fenomenológica revela a consciência do sujeito por meio de seus

⁶ Segundo Abagnano (2007, p. 77) o *a priori* é, “[...] a reflexão e a mediação da imediação, isto é, a universalidade, o “estar o pensamento em si mesmo”.

⁷ Conforme Abagnano (2007, p. 319) “Este, que é um dos termos com que Platão indicava a ideia e Aristóteles a forma, é usado na filosofia contemporânea especialmente por Husserl para indicar a essência que se torna evidente mediante a redução fenomenológica”.

relatos de vivências e experiências internas, pois trata-se de um relato de viver em sua consciência, por meio da empatia, dos fenômenos relatados.

No entendimento de Bicudo (1999), na atitude natural, a educação é concebida por meio de representações manifestadas por signos e sinais, sendo compreendida pela decomposição de suas partes, onde os procedimentos de constituição são delineados. Isso visa a gerar conhecimento e orientar atividades educacionais, incluindo ensino e aprendizagem. Nesse contexto, conforme a autora, docentes, educandos, ensino, aprendizagem e as relações interpessoais são vistos como objetos naturais carregados de significados sociais e culturalmente construídos. Assim, essa perspectiva resulta em uma postura pedagógica que destaca os aspectos cognitivos e apresenta a educação como um produto final de um processo.

Na abordagem natural da educação, o destino final já é preestabelecido por meio de um ideal de modelo educacional. Embora nos discursos sobre o tema a educação seja caracterizada como um processo, no cotidiano escolar, ela é algo “cujo desenrolar cumpre uma trajetória previamente definida e conhecida [...] incapaz de produzir o novo”, como afirma Ildeu Moreira Coêlho (1999, p. 57). E acrescenta,

O fazer educativo situa-se, então no plano do previsível, podendo e devendo ser antecipado enquanto ideia, planejado e executado. [...] A educação se perde e se confunde com o estabelecimento de objetivos gerais e específicos, de metas e submetas a serem atingidas e cuja consecução é vista como sinônimo de qualidade, produtividade e eficiência (Coêlho, 1999, p. 60).

Para transcender o previsível na educação, é necessário assumir uma postura fenomenológica que leve em consideração a complexidade do âmbito educacional e reflita sobre as maneiras como cada sujeito age e sente, de acordo “com as nuances do seu sentir e como cada um vê o mundo a partir de sua própria experiência e de sua cultura” (Bicudo, 1999, p. 48). Esse ato reflexivo, demandado pela abordagem fenomenológica, necessita ser desvelado. Ele se refere à atitude da pessoa que se volta para “as experiências vividas e toma ciência da trajetória percorrida e de si-mesmo vivenciando a existência de si e do outro” (Bicudo, 1999, p.47). Assim, as ações realizadas pelos sujeitos em uma atividade são moldadas pelas dimensões temporal e cultural, conferindo significado e coerência a essas ações. Em resumo, ao adotar uma perspectiva fenomenológica, o educador passa a enxergar o educando como um ser de possibilidades, considerando que a educação

não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando o sentido e o significado mundano das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas (Bicudo, 1999, pp. 12-13).

Nessa lógica, entendemos que assumir uma abordagem fenomenológica na educação supõe reconhecer a complexidade e dinamicidade da área, bem como a necessidade de ir além das abordagens tradicionais. Ao encarar o ato de educar como um projeto, destaca-se a noção de que a educação é uma construção contínua e dinâmica, não restrita a um processo linear, quer dizer, educação é realidade que se realiza na dimensão do instituinte. A perspectiva fenomenológica busca compreender as vivências e significados únicos dos envolvidos na educação, valorizando a individualidade dos educandos e a realização das práticas educacionais conforme suas necessidades. Nesse entendimento, é possível afirmar que enxergar o educar como um projeto sugere uma visão abrangente e prospectiva, considerando não apenas o presente, mas sobretudo a formação humana dos educandos em todas as suas dimensões, com vistas a uma compreensão mais holística e significativa da educação.

Para o pesquisador fenomenólogo, o interesse reside na busca de sentido ou na compreensão do objeto em foco. A percepção do investigado ocorre sob uma perspectiva específica, sendo que cada uma, embora revele aspectos do objeto de investigação, não o esgota por completo. O fenômeno, portanto, nunca é compreendido de forma imediata ou total, uma vez que se revela por meio de um aspecto enquanto oculta outros. Segundo pressupõe Husserl (2006), a compreensão dos fenômenos, demanda percorrer um caminho, um método – *methodus*⁸. A partir disso, podemos inferir que esse percurso, ou método, incorpora estágios de crítica destinados à interpretação do que está sendo interrogado. Assim, ao conceber os processos da formação humana de forma rigorosa, não há realidades absolutas e verdades inquestionáveis, mas possibilidades que podem interpretadas e descritas por meio do método fenomenológico.

Uma realidade absoluta vale exatamente o mesmo tanto que um quadrado redondo. Realidade e mundo são aqui justamente designações para certas unidades válidas de “sentido”, referidas certos nexos da consciência pura, absoluta, que dão sentido e atestam a

⁸ Abagnano (2007, p. 670) assevera que o método “indica um procedimento de investigação organizado, repetível e autocorrigível. que garanta a obtenção de resultados válidos”.

validade dele, justamente desta e não de outra maneira, de acordo com a *essência* própria deles (Husserl, 2006, p. 128-129).

O mundo possui o ser na sua totalidade, mas o possui como certo “sentido”, pois pressupõe a consciência e sua vivência intencional. O mundo é esse ser existente que se manifesta à consciência, restando à atitude fenomenológica fundamentar essa existência, no sentido de assegurar que o mundo existe para nós como significado da intencionalidade inerente à consciência. A intencionalidade husserliana é a coexistência consciência-mundo.

A condução da pesquisa em fenomenologia requer que o pesquisador adote, como ponto de partida e direção, uma questão que tenha significado para si, uma interrogação. Assim, tomando por base a perspectiva husserliana, desvela-se o fenômeno para além da aparência, pois os fenômenos não se apresentam imediatamente e de maneira regular. Portanto, é importante compreender que a pesquisa na abordagem fenomenológica começa com uma interrogação, ou seja, o pesquisador deve ter uma clareza a respeito de uma questão ou pergunta. Essa interrogação conjectura a insatisfação do pesquisador em relação ao que ele acredita saber sobre determinado assunto. Há algo que o incomoda, gerando uma necessidade de explorar e compreender mais profundamente, que suscita uma

[...] ‘tensão’ que acompanha e ‘alimenta’ o pesquisador na busca da essência do fenômeno interrogado. Ao mesmo tempo em que o fenômeno lhe causa certa estranheza, ele também lhe é familiar, pois faz parte do seu ‘mundo vida’. Esta familiaridade, entretanto, não é ainda conhecimento (Fini, 1997, p. 26).

Diante dessa inquietação, ou mais precisamente, na busca pela compreensão do fenômeno a ser investigado, a pesquisa fenomenológica, como explicado por Maria Inês Fini (1997), deve se desdobrar em dois momentos. O primeiro é chamado de Pré-reflexivo, representando aquilo que o pesquisador deseja entender. No segundo momento, o pesquisador precisa estar ciente de que deve abolir todas as impressões e pré-conceitos. Esse momento é denominado *epoché*, caracterizado pela suspensão ou retirada de quaisquer crenças, teorias ou explicações existentes sobre o fenômeno. Com bem nos explica Husserl, com a *epoché*

nós “colocamos entre parênteses” as teses efetuadas, e não “compartilhamos dessas teses” para fazer novas investigações; em vez de nelas viver, de as efetuar, efetuamos atos de *reflexão* a elas

direcionados, e as apreendemos como o ser *absoluto* que elas são. Vivemos agora inteiramente nesses atos de segundo nível, cujo dado é o campo infinito do conhecimento absoluto – *o campo fundamental da fenomenologia* (Husserl, 2006, p. 117-118).

Contudo, mesmo após a realização da *epoché*, ainda não se obtém o resultado final, apenas um resultado provisório. Mesmo que esse resultado preliminar esteja em conformidade com teorias preconcebidas sobre a realidade e possua consciência e significado afirmativo em relação ao humano e ao seu lugar, aparentemente fundamentado, não pode ser considerado como conclusivo. E, como afirma Jaime Zitkoski (1994), a hermenêutica, o momento da interpretação, é necessária.

Os estudos de Fini (1997) justificam este momento como uma reflexão sobre a própria reflexão, que constitui o momento da interpretação. Neste estágio, são realizadas generalizações a partir das convergências (ou categorias abertas) das unidades de significado, permanecendo abertas a novas interpretações. A interpretação resultante não é conclusiva, já que o fenômeno é sempre perspectiva. O autor destaca que o pesquisador constrói resultados por meio da interpretação, implicando transcendência: refletir sobre a própria reflexão. De acordo com Fini (1997), uma pesquisa com base na fenomenologia não possui uma conclusão definitiva; seus resultados são construídos por meio da interpretação e da reflexão sobre essa interpretação. Quando a interrogação do fenômeno se concentra nas características gerais relacionadas ao conteúdo, a hermenêutica se torna presente.

A pesquisa fenomenológica tem como objetivo principal a compreensão da subjetividade presente no fenômeno em estudo. O pesquisador considera as descrições em busca do conteúdo característico do fenômeno, assim como das diferenças em suas significações. Essa análise é realizada por meio da comparação das respostas do sujeito, do grupo ou entre os grupos, visando a convergência das unidades de significado por meio das interpretações elaboradas, o que contribui para a construção do discurso e da exposição do estudo.

Posteriormente, ocorre a interpretação do discurso, por meio do qual se aprofunda na reflexão sobre o significado do fenômeno interpretado. Isto posto, a interpretação proporciona a apresentação de uma nova compreensão da realidade. Portanto, a abordagem fenomenológica é pautada na descrição e interpretação dos dados, centrando-se no fenômeno em estudo.

Partindo desses pressupostos, concordamos com Merleau-Ponty (1999) ao destacar que, após a descrição, o fenômeno passa pela *epoché* ou redução eidética, buscando fazer o mundo aparecer como é antes de reflexões sobre nós mesmos. O processo visa igualar a reflexão à vida não refletida da consciência. Em seguida, acontece a hermenêutica, momento de interpretação que busca atribuir sentido ao fenômeno estudado. Para Merleau-Ponty (1999), esse é o estágio em que o método fenomenológico ajuda a revelar o mundo, fundamentando todo conhecimento na comunicação com o mundo e estabelecendo a racionalidade como princípio fundamental. Em síntese, é possível afirmar que a fenomenologia tem como finalidade desvendar os mistérios tanto do mundo quanto da razão.

O pesquisador fenomenólogo explora a experiência vivida para compreendê-la, buscando desvelar o modo de existência do objeto de estudo. Com base nisso, nosso entendimento é de que o êxito na pesquisa reside na apreensão do sentido do fenômeno, na atribuição de significado à experiência e na explicitação da estrutura do fenômeno. Deste modo, orientado pela compreensão pré-reflexiva, ele descreve e interpreta o percebido, buscando o sentido do todo na vivência. Portanto, o caminho seguido é guiado pelo sentido da experiência, permitindo a explicitação progressiva da interpretação.

Nessa instância é crível dizer que a fenomenologia aborda a questão da existência histórica, ultrapassando assim o propósito puramente científico de explicar a história. A essência da historicidade não reside nos extensos tratados epistemológicos da ciência histórica, mas sim na vida vivida do homem, em seu mundo fenomenológico. O homem é o criador de sua própria historicidade e existência, embora nem todos tenham plena consciência dessa sua condição. Dado que o homem não está isolado, a interação com o outro é essencial para a construção dessa história que nos forma e humaniza. A existência não se limita à consciência do existir para si, mas também à consciência da existência do outro, imersa em uma situação histórica.

Nesse ponto de vista, é possível compreender que a fenomenologia assume a perspectiva da história ao focar a relação intersubjetiva que constrói nossa narrativa. Essa construção ontológica contemporânea destaca a indissociabilidade do homem de seu mundo e, portanto, de sua história, que se desenvolve a partir do passado e se estende para o futuro. O inacabamento humano implica que a história não é algo concluído; está em constante processo de tornar-se. Como bem define Paulo Freire,

Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo e maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. Aqui chegamos ao ponto do que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento (Freire, 2016, p. 50).

Nessa conjuntura, cabe dizer que a existência dos homens no presente assegura esse contínuo vir-a-ser, não numa linha linear do tempo histórico, mas na ideia de que é no presente que o passado se revela e as possibilidades futuras são delineadas. Na percepção de Viana (2019) a fenomenologia é uma filosofia centrada no sentido, na essência (*eîdos*), e não nos fatos. Ela questiona o sentido do ser humano como ser-no-mundo, destacando a relação que torna a consciência e o objeto inseparáveis. Os fatos são entes em si mesmos e, como tal, não têm a capacidade inerente de atribuir significado ao homem e ao mundo.

Homem e mundo não podem ser considerados entidades autônomas, independentes e não-recíprocas. Trata-se, na verdade, de duas dimensões que, embora sejam diferentes em essência, são inseparáveis. Pela intencionalidade, consciência e mundo formam uma totalidade, constituindo-se mutuamente. Embora sejam realidades distintas, formam uma unidade sintética em que cada uma é fundamental para a existência da outra, numa relação repleta de tensões, antagonismos, conflitos e aproximação. A compreensão da realidade humana somente poderá ser apreendida nessa totalidade, pois o homem somente existe como um ser-no-mundo. Não há consciência sem o mundo, assim como seria inconcebível a existência deste sem a consciência para lhe dar sentido. As ciências positivas, no entanto, sempre desconsideraram essa relação intencional, pendendo ora para um subjetivismo estéril e solipsista, ora para um objetivismo mecanicista. Por isso, qualquer estudo sobre a realidade humana que não considere essa relação intencional, e insista na separação entre a consciência e o mundo, pode transformar-se em naturalismo, psicologismo, sociologismo ou economicismo, tornando-se mero fato passível de análise, medida, aferição (Viana, 2019, p. 14).

Vale dizer, nesse aspecto que a característica fundamental da consciência é sua capacidade de intencionalizar o mundo, conferindo-lhe significado. O objetivo da ontologia fenomenológica é estudar a significação, o sentido das coisas humanas, compreendendo o que as torna o que são. É por isso que Husserl defende que toda consciência é consciência intencional de um ser, de um objeto, de uma realidade objetiva, pois

se a teoria do conhecimento pretende investigar os problemas das relações entre a consciência e o ser, somente será possível caso considere o ser como correlato da consciência, como algo “visado”

segundo um tipo de consciência: como percebido, lembrado, esperado, representado por meio de imagens, como fantasia, como identificado, diferenciado, acreditado, presumido, valorado etc. Como pode se ver, essa investigação deve referir-se a um conhecimento científico da essência da consciência, para o qual a consciência “é” por essência em todas as suas formas, mas ao mesmo tempo o que ela “significa”, assim como os diferentes modos nos quais - em relação com a essência dessas formas - ela visa algo objetivo - ora de maneira clara ou não, ora apresentado ou representado, como signo de imagem, de maneira imediata ou por meio do pensamento, ora num ou outro modo de atenção, e assim em quantidade infinita de formas - e nos quais eventualmente “manifesta” o objeto como ente “válido”, “real” (Husserl, 1969, p. 57-58).

Com base nesses pressupostos, é possível dizer que a fenomenologia busca explorar o sentido da educação, indo além do empirismo e do senso comum, para compreendê-la como um fenômeno humano essencial. A ontologia fenomenológica considera a natureza, fundamentos e fins da educação, destacando-a como um movimento contínuo de formação e constituição do homem (*ánthrōpos*), centrado na relação entre consciência e mundo. Essa abordagem não busca respostas imediatas para os problemas educacionais, mas procura entender o sentido ontológico da educação como um fenômeno verdadeiramente humano, uma ação intencional e significativa que confere sentido ao mundo e é, por si mesma, significado do mundo. Mediante o exposto, a educação, assim, é considerada como a própria realidade humana em constante formação, manifestando-se na ação e nas escolhas existenciais contínuas.

A ação educativa é existencial, política, visa fins éticos, estéticos, morais, culturais, afetivos e tantas outras dimensões humanas. Cada ser humano é um “ainda-não-ser”, o único que tem a real necessidade e verdadeira capacidade de educação, esse “poder-ser” voltado para o futuro da pessoa e da humanidade, num movimento de transformação a partir das condições concretas do mundo. A educação é, por princípio, intencionalidade; pressupõe a relação da consciência com o mundo. É ação voltada para a vida, para a existência, formação que jamais se finda, posto que o homem seja um fazer-se permanente, livre para ser, uma existência ímpar em suas múltiplas dimensões (Viana, 2019, p. 16).

Em suas considerações, Viana (2019) afirma que a educação é caracterizada pela intencionalidade, envolvendo a interação da consciência com o mundo. Essa ação educativa transcende sua natureza existencial e política, abrangendo objetivos éticos, estéticos, morais, culturais e afetivos. Portanto, a concepção de formação contínua reflete

a visão do homem como um processo ininterrupto de tornar-se, dotado de liberdade para ser uma existência singular em suas diversas dimensões.

Vivemos. Temos vida “agora”. O agora é fluido, momento que passa e com ele passa a vida nos modos pelos quais vivemos. A vida de cada um de nós, tomada em sua individualidade, é incerta. Mantermo-nos vivendo é uma responsabilidade que exige cuidado de si e do outro, viventes com os quais somos. A educação se dá no momento presente e traz consigo o futuro. Não é uma questão de “formar para o futuro”, mas sim de estar-se formando e formando no agora com o outro, na intersubjetividade que caracteriza o “nós” do mundo-vida entendido como cultural e histórico. Assumir essa postura – fenomenológica – nas ações educadoras traz consigo a responsabilidade ética para com a própria vida, com a vida do outro, seres humanos ou não, pois o mundo - vida é harmônico e as ações dos viventes geram forças e nutrem - se mutuamente (Bicudo 2020, p. 49).

De acordo com Bicudo (2020), a educação acontece no momento presente, mas influencia o futuro. A abordagem fenomenológica na educação é apresentada como uma postura focada no presente, destacando a relevância da intersubjetividade na formação mútua. Assim, a preocupação não é apenas "formar para o futuro", mas sim estar em constante formação no presente, em interação com o outro. Nesse sentido, a responsabilidade ética é enfatizada como parte essencial dessa abordagem, não apenas em relação à própria vida, mas também à vida dos outros, reconhecendo a interconexão harmônica no mundo-vida cultural e histórico.

Assim, assumir uma abordagem fenomenológica na educação implica compreender o ato de educar como um projeto que se atualiza por meio de ações e programações na temporalidade e na espacialidade mundanas. Com base nisso, entendemos que

Essa é a visão de educação que assumo e que, conforme entendo, está coerente com a filosofia fenomenológica. Permite: situar-me e ao educando, bem como o que é trabalhado (a disciplina que disponibiliza conteúdos a serem trabalhados) no aqui e agora, no mundo-vida, sendo com os outros; trabalhar o conhecimento nas dimensões da constituição e da produção, abrindo horizonte para possibilidades de trabalhar atividades que incidem nas sensações e na percepção do aluno, naquelas que se dedicam aos modos de expressar e de ficar atento ao entendimento do outro, ouvindo-o em suas manifestações e, ao mesmo tempo, respeitando-o como igual e como diferente e, da mesma forma, trabalhar com atividades que visam ao conhecimento já produzido e que são apresentados em textos escritos, pintura, música, imagens, dramas encenados, cultos religiosos, discursos políticos, propagandas, etc.; trabalhar a ética que se estabelece nos modos de estar com o outro; trazer à cena questões da vida e dos seus sentidos (Bicudo, 2020, p. 51).

Pensando nisso podemos considerar que a visão de educação descrita adota uma abordagem fenomenológica, enfatizando a conexão entre educador e educando no contexto do mundo-vida. Essa abordagem permite aproximar conteúdos no presente, explorando dimensões sensoriais e perceptivas, promovendo a expressão e a compreensão mútua. Bicudo (2020) destaca a importância de trabalhar o conhecimento em suas diversas formas, e enfatiza a ética nas interações com o outro. A abordagem também busca trazer questões significativas da vida para o centro da educação, destacando a busca por sentido.

Dessa maneira, a presença do pensamento de Husserl reforça sua significativa contribuição para o conhecimento humano na contemporaneidade, estabelecendo-se como uma nova postura filosófica de forma definitiva. Além disso, é relevante compreender que existem diversas vertentes do pensamento fenomenológico que se originam a partir de Edmund Husserl. Vários estudiosos deram continuidade à obra desse importante filósofo e matemático, como Merleau-Ponty, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Max Scheler, Emmanuel Levinas, Edith Stein, Jean-Paul Sartre, Gabriel Marcel, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Martin Buber, Ernesto Grassi, Nicolai Hartmann, Hans Jonas, cada um aprofundando, de maneira única, temas e fenômenos específicos. Isso nos permite afirmar que não há uma compreensão única sobre a fenomenologia.

O estudo realizado, embora seja iniciante, nos permite inferir que a fenomenologia é identificada quando o método se concentra exclusivamente no fenômeno, buscando uma compreensão profunda e diferenciada dos fatos estudados em sua apresentação própria. Diferencia-se pela não utilização de técnicas quantitativas, priorizando a relação do fenômeno com sua essência, o *eîdos*. A validade científica é buscada na lógica interpretativa do pesquisador e na reflexão sobre o fenômeno em estudo. O método fenomenológico enfoca a formulação da compreensão do viver, evitando definições e conceitos, centrando-se na compreensão dos significados do perceber. Trata-se de um relato rigoroso das percepções do sujeito pesquisador em relação ao objeto de estudo, expressando-se pela apreensão do próprio pesquisador.

Considerações finais

Em virtude do exposto, percebe-se que a ontologia fenomenológica de Edmund Husserl se opunha aos reducionismos epistemológicos e filosóficos prevalentes em sua época, que tendiam para uma naturalização das ciências humanas, impondo a elas os

mesmos métodos das ciências naturais. Husserl destaca a especificidade do mundo humano na filosofia, enfatizando sua natureza plural e inconclusa. Contrapondo-se aos princípios objetivistas da psicologia e do empirismo, ele propõe uma abordagem que não reduz a realidade humana a algo testável, mensurado, analisado e comprovado.

A ontologia fenomenológica busca compreender e descrever o homem em sua singularidade, explorando sua subjetividade como um ser concreto inseparável do mundo. Este ser humano é capaz de transcender a si mesmo, tornando-se estranho a si para, então, buscar seu verdadeiro ser. Essa abordagem reflete a ação contínua do homem em busca de formação, superação e transcendência da falta de ser inerente a ele.

Compreendemos que um trabalho sob a perspectiva fenomenológica enfatiza a valorização e a busca de significados de forma singular e particular. Isso implica na construção da história da subjetivação. Outrossim, é fundamental destacar a importância do rigor metodológico, caracterizado pela busca por uma descrição rigorosa do fenômeno, compreensão e interpretação da experiência vivida.

O pesquisador, ao direcionar sua investigação para compreender e desvelar o fenômeno dado pela consciência, assume seu próprio eu e suas experiências subjetivas como parte do mundo. A Fenomenologia explora a relação entre a consciência e o Ser, reconhecendo e enfatizando a importância dos fenômenos da consciência, sua essência e sua significação.

Assumir uma abordagem fenomenológica na pesquisa em educação, conforme destacado, supõe compreender o ato de educar como um projeto dinâmico, atualizado por meio de ações e programações na temporalidade e na espacialidade mundanas. Essa postura reforça a noção de que a educação não é um processo linear, mas sim uma construção contínua e significativa que se desenrola no presente, moldando o futuro de forma consciente e ética.

Ao adotar o método fenomenológico na pesquisa em educação, é fundamental que os pesquisadores sigam um projeto de pesquisa que reconheça a relevância do estudo, mantendo rigor nos aspectos teóricos, descritivos, analíticos e interpretativos. As pesquisas que exploram aspectos relacionados ao educador por meio desse método devem incorporar a redução eidética (*epoché*) e a hermenêutica para garantir uma abordagem verdadeiramente fenomenológica. O presente trabalho objetivou refletir sobre a viabilidade e contribuição da Fenomenologia, na ótica de Edmund Husserl, como método de pesquisa em educação. As reflexões apresentadas não se esgotam neste artigo; pelo

contrário, considera-se a necessidade e a relevância da continuidade dos estudos sobre o tema em questão.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª edição. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi, 2007.

BELLO, Ângela Ales. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Pesquisa em Educação Matemática. Proposições. **Revista da Faculdade de Educação da UNICAMP**. Vol. 4, nº 1[10], março de 1993. p.18-23.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e CAPPELLETTI, Isabel Franchi. **Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação**. 1ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 1999, v.1, 1º capítulo, p. 11-55.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; PAULO, Rosa Monteiro. Um exercício filosófico sobre a pesquisa em educação matemática no Brasil. **Bolema**. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 25, p. 251-298, 2011.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa em educação matemática: a prevalência da abordagem qualitativa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 5, p. 15-26, 2012.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa Fenomenológica em Educação: possibilidades e desafios. **Paradigma**, [s. l.], p. 30-56, 2020. doi: 10.37618/paradigma.1011-2251.2020.p30-56.id928.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Fenomenologia e Educação. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e CAPPELLETTI, Isabel Franchi. **Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação**. 1ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 1999, v.1, 2º capítulo, p. 53-104.

FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação que tem a Fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. 2ª Ed. Revista. Editora UNIMEP, 1997. Pág. 23 – 33.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HUSSERL, Edmund. **La filosofia como ciencia estricta**. Tradução de Elsa Taberning. Buenos Aires: Nova, 1969.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**: 6ª ed. Investigação. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Trad. Márcio Suzuki. 2 ed. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

LYOTARD, Jean-Francois. La diferencia. **Barcelona: Gedisa Editorial**, 1999 [terceira reimpressão]. 224p.

MARTINS, Joel. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Centauro, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, SP. Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PAISANA, João. **Husserl e a Ideia de Europa**. Edições Contraponto: Portugal, 1997.

PEIXOTO, Adão José (org.) **Interações entre Fenomenologia & Educação**. Campinas, SP, Alínea, 2003a.

PEIXOTO, Adão José (Org.). **Concepções sobre Fenomenologia**. Goiânia-Go: Editora UFG, 2003b.

SARTRE, Jean-Paul. A imaginação. In: **Sartre**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 33-107.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VIANA, Cláudio Pires. **Intencionalidade da consciência e ação educativa em Sartre: Por uma pedagogia da liberdade**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós Graduação em Educação, Goiânia.

ZITKOSKI, Jaime José. **O Método Fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994 – (Coleção Filosofia: vol. 12).